



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS
Salvador - BA - Brasil

REPRESENTAÇÕES DA NOVA HOLANDA, OLHARES SOBRE O RIO DE JANEIRO: A
FOTOGRAFIA É O COTIDIANO NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS IMAGINÁRIOS DA CIDADE

Luiza Xavier Pereira (PROURB - UFRJ) - luizaxavierx@gmail.com

Doutoranda em Urbanismo, PROURB - UFRJ.

Fernando Betim Paes Leme (PUC-Rio) - ferbetim@gmail.com

Professor DAU PUC-Rio; Doutor em Design, PUC-Rio.



REPRESENTAÇÕES DA NOVA HOLANDA, OLHARES SOBRE O RIO DE JANEIRO: A FOTOGRAFIA E O COTIDIANO NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS IMAGINÁRIOS DA CIDADE

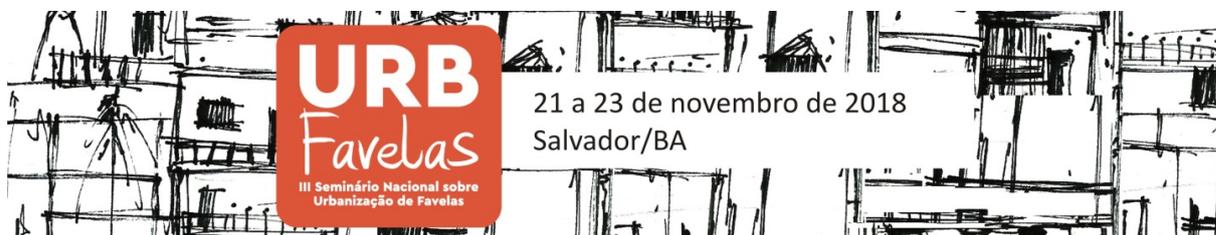
RESUMO:

Através de fotografias do cotidiano da favela Nova Holanda – localizada no Complexo da Maré (Rio de Janeiro) –, feitas por três profissionais que moram no local, o presente artigo propõe-se a pontuar o que tais imagens destacam sobre características locais e, conseqüentemente, o que revelam sobre entendimentos do espaço urbano carioca. Ao intercalar a análise do conteúdo de dez imagens da favela, de entrevistas com seus fotógrafos e do pensamento de autores como Henri Lefebvre, propõe-se discutir a importância de uma visão plural sobre a cidade, assim como também de desconstruir-se imaginários impostos a distintas regiões do Rio de Janeiro. Entre os anos de 2009 e 2016 (período do recorte da pesquisa), o projeto proposto para a cidade contribuiu para a segregação e controle dos espaços que não se inseriam na concepção do que era desejado para a imagem da “Cidade Maravilhosa”. A lógica vigente no período – a qual enxerga a cidade como mercadoria – ignoraria o fato de que o espaço urbano é um complexo socioespacial que agrega diferentes leituras sobre seu entendimento e que reúne, em si, distintas formas de habitar. A partir de tal cenário, o artigo pretende debater também a importância das intervenções e vivências cotidianas existentes na escala das ruas para a construção de outras visões/projetos de cidade, mais inclusivos e plurais.

Palavras-chave:

Favela Nova Holanda. Representação. Cotidiano.

ST – “Número 5”: “Outras Práticas Sociais em Favelas, Bairros e Assentamentos”



1 INTRODUÇÃO

"Tal como o ato de falar cria a língua, os (a)fazeres cotidianos efetua o espaço."¹

O pensamento de Michel De Certeau descrito acima resume o que pretendemos abordar aqui: as práticas realizadas no espaço são responsáveis por construí-lo. E compreender os usos cotidianos feitos nos espaços urbanos seria uma forma não só de entender os códigos e valores locais, mas, conseqüentemente, de se investigar os interesses e desejos para a cidade.

A partir deste contexto, propomos apontar maneiras como moradores da Favela Nova Holanda – localizada no Complexo da Maré, Rio de Janeiro, Brasil – constroem e usam o espaço comum local, assim como de que forma tais vivências e intervenções denotam entendimentos sobre a ideia de cidade. Para pontuar tais elementos, partiremos de representações construídas pelos próprios moradores através de fotografias sobre o cotidiano local. Ao intercalar o conteúdo de tais imagens, de entrevistas com os fotógrafos e do pensamento de autores como Henri Lefebvre, propomos discutir formas de se "fazer"/pensar o espaço urbano carioca, distintas da proposta para a construção do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos, no período de 2009 a 2016.

A lógica utilizada na ocasião, a qual pretendia fazer do Rio de Janeiro palco de megaeventos, contribuiu para a segregação e controle daqueles que não se inseriam na concepção do que era desejado para a imagem da “Cidade Maravilhosa”. Neste contexto, as favelas e periferias seriam invisibilizadas das representações construídas para divulgar a cidade internacionalmente, as quais se baseariam majoritariamente na imagem da zona sul carioca. Ao contrário da homogeneidade que se pretendia impor, como aponta Lefebvre (2006a), a diversidade é inerente ao espaço urbano. A partir de tal cenário, o artigo pretende debater a importância das intervenções e vivências cotidianas existentes na escala das ruas para a construção de outras visões/projetos de cidade, mais inclusivos e plurais.

Entendemos que as favelas seriam uma categoria social central na discussão sobre a disputa pelo significado da ideia de cidade. Pelo seu histórico de resistência e por serem “expressão legítima do direito de habitar a cidade” (BARBOSA, 2012, p.39), elas constroem

1 MELLO & VOGEL, 2005, p.297.



um outro ideal de espaço urbano. As favelas teriam práticas culturais criativas e ricas estratégias de construção do espaço desenvolvidas para suprir lacunas na oferta de direitos fundamentais.

A análise de tais intervenções e das vivências locais se mostra como uma forma de buscar uma outra visão de cidade a partir das escalas humanas, da vida cotidiana e da experiência corporal na cidade. Este tipo de análise remonta à década de 1960, quando o grupo Internacional Situacionista defendia a importância do olhar sobre as pessoas comuns e reais que estariam nas ruas das cidades para se pensar sobre o espaço urbano. Importante frisar que, ao apontar vivências no contexto da Nova Holanda, entramos, conseqüentemente, na disputa pela representação no e do espaço urbano carioca. Para tanto, entendemos que a forma mais apropriada seria fazê-lo a partir da visão dos habitantes sobre seu próprio espaço.

Partindo deste pressuposto, como dito acima, as questões aqui colocadas terão origem em fotografias sobre o cotidiano da Nova Holanda, feitas por profissionais que são moradores da Maré. A fotografia, neste contexto, é entendida não apenas como ferramenta de potência para revelar paisagens na cidade, mas também como forma de desvendar aspectos do imaginário social e das mediações nas relações sociais (MARTINS, 2016). Ao utilizar tais imagens e entrevistar seus fotógrafos, pretendíamos expor dinâmicas do espaço e os olhares distintos sobre o cotidiano a partir da visão de quem o habita. Como aponta Lefebvre (2006a), entender o espaço – para, assim, pensar sobre seu futuro – passa por analisar sua multidimensionalidade, sendo as representações construídas pelos habitantes, dimensões tão importantes para sua construção quanto as práticas sociais em si.

Os profissionais responsáveis pelos olhares apresentados aqui serão Bira Carvalho, Elisângela Leite e Rosilene Miliotti. Entre imagens que falam sobre encontros, apropriação, confraternização, luta e fé, os fotógrafos abordam temáticas sobre um lugar “orgânico” e “plural”. Mostram um espaço de resistência que reivindica, através das ações mais cotidianas, o seu direito de acessar a cidade e participar de sua construção.

2. CIDADE, UMA INVENÇÃO DO SER HUMANO

Em uma realidade de ritmo acelerado de urbanização, mostra-se urgente a discussão sobre o tipo de cidade onde desejamos viver e a reflexão sobre que tipo de atores sociais pretendemos



ser e produzir. Tal questão vem sendo abordada em diversas partes do mundo, sendo essencial também para se pensar o futuro do Rio de Janeiro.

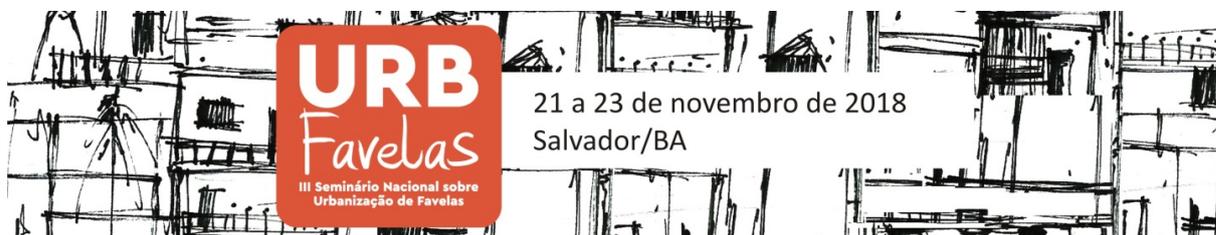
O período entre 2009 e 2016 na cidade carioca foi marcado pelo projeto que pretendia inseri-la na chamada "rede de cidades turísticas globais" (JACQUES, 2004) tendo, para tanto, a "função" de "sede de megaeventos". A representação construída sobre a cidade para divulgá-la internacionalmente baseou-se em antigos imaginários que não só reproduziram um estereótipo sobre o que é ser carioca, mas que também excluíram de sua representação oficial pessoas e espaços – tais como favelas e periferias – que não condiziam com tal ideal de cidade. Pontuada por projetos espetaculares e excludentes, a cidade parecia aproximar-se da dinâmica que Paola Jacques (2004) aponta como “mercantilização das cidades contemporâneas”, na qual o espaço urbano é transformado em "pura cenografia" e a passividade passa a ser a regra para quem habita o espaço.

Tal estrutura, porém, não condiz com a essência da ideia de cidade: afinal, ela seria uma criação do ser humano para suprir diferentes dimensões de sua vida, um espaço desenvolvido pelo desejo de um vir-a-ser da espécie humana. Segundo Lefebvre (2006b), o espaço urbano seria o local de encontro das pluralidades, onde coexistiriam diferentes formas de habitar. Ao negar-se tal característica a ele, nega-se a seus distintos habitantes o direito à cidade, ou seja, o direito de vivê-la plenamente e de transformá-la de acordo com suas demandas.

Importante salientar que, por outro lado, mesmo com a imposição de um pensamento único sobre o futuro da cidade, o espaço urbano não se resumirá unicamente ao estabelecido pelo plano dominante. O cotidiano será construído através das apropriações, dos encontros, da Festa, da dimensão lúdica da cidade (CARLOS, 2001). Neste contexto, frente à diversidade inerente à natureza do espaço urbano, a cidade se apresentará como palco de luta, no qual se consolidarão disputas sobre como ela deve ser (LEFEBVRE, 2006a). Por mais que sejam criadas imagens consensuais sobre a cidade para vendê-la ao mercado internacional, serão construídas também pelos seus habitantes representações e formas de ruptura que irão questionar o “vir-a-ser” imposto.

3. TRÊS OLHARES SOBRE A FAVELA NOVA HOLANDA E A CIDADE

A escolha da Nova Holanda como um espaço para se analisar a pluralidade do Rio de Janeiro, não foi aleatória. Para além das questões apontadas na introdução deste artigo, a favela traz características peculiares para a discussão. Localizada na Zona Norte da cidade, é uma das



dezesseis favelas do Complexo da Maré. Seu surgimento data da década de 1960, quando foi construída pelo governo do Estado para funcionar como um “Centro de Habitação Provisório”. Com caráter temporário, funcionava como uma espécie de “triagem” na qual moradores removidos de outras favelas deveriam passar antes de serem “realocados” em conjuntos habitacionais.

Historicamente e ainda hoje, a representação construída pela mídia sobre a Nova Holanda e a Maré as reproduz como um espaço de violência, um lugar “habitado por criminosos”. Em rápida pesquisa na plataforma *Google Images*, inserindo as palavras-chave "Maré Rio de Janeiro O Globo", vemos majoritariamente fotos de homens armados e operações policiais. Por outro lado, porém, ao avançar pelas imagens do site de busca, é possível encontrar também fotografias onde se vê, por exemplo, crianças brincando nas ruas e adultos assistindo a jogos de futebol em televisões instaladas na calçada: tais imagens são feitas por moradores da Maré, os quais se propõem a registrar o cotidiano do espaço como forma de desconstruir as representações reproduzidas na mídia, pelo Estado e, conseqüentemente, na sociedade. Essas fotografias mostram um Rio de Janeiro construído por seus habitantes, encarado como estratégias desenvolvidas para suprir lacunas na oferta de direitos fundamentais (BARBOSA, 2012). As intervenções vistas nas fotos, temporárias ou permanentes, dão múltiplos usos para os espaços; a pluralidade presente nas ruas se destaca nas imagens; a surpresa, a Festa e os encontros são apontados pelos fotógrafos como parte da rotina do espaço comum.

Para abordar tais visões, conversamos com os fotógrafos Bira Carvalho, Elisângela Leite e Rosilene Miliotti. Cada um deles foi entrevistado entre novembro de 2016 e fevereiro de 2017. Em comum, os três participaram do *Imagens do Povo*, projeto que, surgido a partir de um questionamento sobre a democratização da informação, formava moradores de favelas e periferias a usarem a fotografia como ferramenta para abordar questões éticas, políticas e culturais. Destacando fotografias pré-selecionadas, buscamos discutir com os profissionais não só o que suas imagens desconstruíam sobre estigmas existentes, mas também sobre o que construíam enquanto representação do espaço.

Dito isso, procuramos a seguir apontar três características sobre o espaço da Nova Holanda que se destacaram como pontos comuns durante as entrevistas e que denotariam desejos sobre um ideal de cidade, estando entre eles: (i) a forma de apropriação do espaço

comum; (ii) o compartilhar do espaço entre pessoas e fazeres plurais; (iii) e o processo de constante transformação – que ocorre em distintas esferas –, consequência das trocas e encontros naturais ao espaço.

3.1 ESPAÇO PRÓPRIO

Figura 1: Tenda de culto religioso.



Fonte: Bira Carvalho, acervo pessoal do fotógrafo.

No conteúdo da Figura 1, de Bira Carvalho, de um lado a outro há uma grande tenda estendida entre casas. A composição da imagem, ao agregar também as construções e a ocupação do entorno da rua, mostra que, durante aquele momento, a via é daqueles que ocupam o local, estando aberta ainda a quem quiser se agregar ao grupo. Segundo Bira, o registro seria de um culto evangélico, montado em um espaço onde ocorrem diferentes eventos:

Se você olhar dali de fora, está sendo montado hoje um pagode. Então é um espaço onde as pessoas utilizam a rua, e eu gosto dessa coisa mais aberta a todos. Seja religioso, seja cultural... o que eu gosto nessa foto é que eu vejo a confraternização na rua.

A fala do fotógrafo Bira Carvalho nos chama a atenção por três pontos principais: o valor dado à apropriação do espaço, a diversidade dos usos em um mesmo local e sua admiração pela finalidade destinada às diversas apropriações – a confraternização. A essência do que seria uma favela para ele é, inclusive, ligada à noção da apropriação da rua como espaço simultaneamente coletivo e particular.

A rua é isso [a forma de ocupação da foto]. Isso representa muito para mim o que é favela. O que é a favela? É você chegar e ter a rua como sua. Ela é do coletivo, mas



ela é sua. Você se apropria daquele espaço público. Ele é público, mas é seu também.

A intervenção vista na fotografia e descrita por seu autor, remete a questões colocadas pelo grupo Internacional Situacionista na década de 1960, o qual questionava a forma de organização fragmentada e hierarquizada que os centros urbanos vinham recebendo na época em questão. De forma sintética, os situacionistas "lutavam contra a cultura da espetacularização(...), ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade" (JACQUES, 2003, P.13), apontavam para a importância de uma construção realmente coletiva da cidade. Para seus componentes, quando os habitantes passassem de simples espectadores a construtores, transformadores e "vivenciadores" de seus próprios espaços, a espetacularização da cidade seria impedida. O meio urbano, na visão da Internacional Situacionista, seria visto como "terreno de ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia da vida cotidiana moderna" (JACQUES, 2003, P.26). E tais questões são identificáveis nas imagens dos fotógrafos.

Cabe ressaltar que, para além de proporem "novas formas de intervenção" contra a "monotonia cotidiana", muitas das vivências que vemos nas imagens, possuem o caráter apontado pelo fotógrafo Bira Carvalho na Figura 1 – ou seja, a confraternização.

Figura 2: Moradores assistindo à Copa do Mundo de 2010



Fonte: Rosilene Miliotti, acervo pessoal da fotógrafa.



A fotógrafa Rosilene Miliotti também aborda a questão da apropriação e confraternização em seu ensaio sobre a Copa de 2010. Suas imagens mostram ruas enfeitadas com cores da bandeira nacional, movimento recorrente também em outros bairros da cidade e em todo Brasil. Na Figura 2, porém, o clima da Copa extrapola o enfeitar do espaço e promove a montagem de um “telão” no centro de uma via estreita. A televisão, pertencente a uma das casas da rua, motiva o encontro entre os vizinhos e amigos, que transformam o local em área de torcida pela seleção de futebol. Como descreve a fotógrafa:

Aqui é uma rua. As ruas ali perto da [rua] Principal são muito estreitas. Então as pessoas geralmente fecham, fazem festa de aniversário, botam piscina... enfim, elas fecham. E muitas vezes os vizinhos são da família. A família mora ali. Então vai todo mundo para aquele lugar. Aqui [na foto] são todos amigos. Você tem família, mas também os amigos, e não necessariamente gente que mora nesse pedacinho.

O entendimento de Bira sobre a rua “ser pública, mas ser também sua” parece se reproduzir na fotografia e no relato de Rosilene. O “quintal” dos moradores do logradouro reúne em uma esfera familiar os amigos, mantendo-se também aberto a quem mais quiser se juntar².

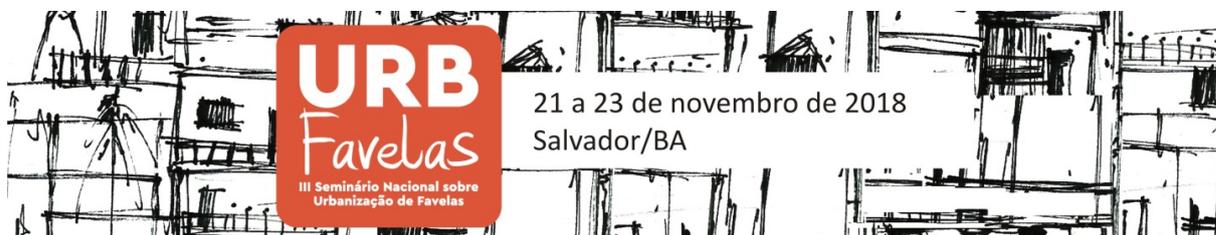
Figura 3: Crianças tomando banho de mangueira



Fonte: Elisângela Leite, acervo pessoal da fotógrafa.

Ainda sobre apropriações e confraternização, tomemos como exemplo os registros da fotógrafa Elisângela Leite. Na Figura 3, a fotógrafa registra uma cena onde crianças de

² Como aponta a fotógrafa sobre o dia do ensaio: “Cada lugar que eu ia, eu comia um pouco... se não comesse, eles ficavam chateados”.



diferentes idades se divertem em um dia ensolarado ao tomar banho de mangueira. Apesar de duas das crianças estarem encostadas na casa do lado oposto, apenas observando a brincadeira, podemos contar cerca de outras nove entregues à diversão. O menino ao lado esquerdo, de braços estendidos, é o que melhor vemos a expressão facial: entre a água que cai e a postura expansiva, um grande sorriso. Através de uma mangueira e água jogada para o alto, a estreita rua entre duas casas se transforma em um espaço de diversão genuína. Quem segura a mangueira e possibilita o banho é o senhor no lado esquerdo da imagem (posicionado atrás do menino de braços abertos). Seu nome é Manuel, segundo Elisângela:

O Manuel é o meu vizinho. Ele se amarra em fazer uma bagunça com as crianças: ele liga a bomba e fica com a mangueira lá. Toda a criançada é ali da rua. Nesse dia, cada um trouxe uma coisa: um trouxe carne, outro trouxe refrigerante, e fizeram um churrasco (...). É a forma de lazer do dia a dia. Principalmente no verão, que é férias, os pais trabalham...

A partir do uso de uma simples mangueira, mais uma vez a rua se torna o quintal. O encontro entre pessoas próximas e familiares para a confraternização demonstra que a rua, definitivamente, não se limita ao espaço da impessoalidade, da relação formal e de circulação, tal como poderia ser entendida pelo senso comum (MELLO et al., 1985). Tal questão é reforçada ainda ao olharmos a parte superior direita da imagem. Nela, vemos dois cones que restringem a circulação de veículos ao local e, mais ao fundo, uma piscina de plástico montada ao ar livre.

Figura 4: Partida de ping-pong



Fonte: Elisângela Leite, acervo pessoal da fotógrafa.

A diversão e o lazer são levados ao espaço comum através de intervenções distintas, revelando um local transformado através de atividades lúdicas, da imaginação e da Festa.



Elementos estes que, como coloca Lefebvre (2006b), seriam essenciais à conformação do espaço: afinal, o ser humano teria a necessidade de habitar em um local que promova tais vivências.

Vemos ainda em outros registros de Elisângela Leite as características supracitadas. Na Figura 4, por exemplo, uma rua de porte parecido com a da Figura 3 é utilizada para uma partida de ping-pong. A mesa do jogo é improvisada a partir do que parece ser uma porta apoiada sobre uma mesa de bar; sua divisória é estabelecida através de um perfil de metal. Ao fundo, a imagem mostra as casas da rua e a presença de outras pessoas, que também usam o espaço. Não só Elisângela Leite, mas também Bira Carvalho relatam e registram a multiplicação de mesas de ping-pong improvisadas pelas ruas da Nova Holanda. Segundo a fotógrafa, a transformação da rua em área de jogos deste fim é frequente, mas principalmente durante o período de férias escolares. Neste contexto, a rua passa a ter diferentes conformações ao longo das épocas do ano.

Ainda sobre o caráter de confraternização destinado à rua, outras imagens são representativas sobre ter-se o espaço comum como “quintal”. Consideremos aqui uma delas, a Figura 5, de Bira Carvalho.

Figura 5: Meninos fantasiados de bate-bola



Fonte: Bira Carvalho, acervo pessoal do fotógrafo.

O espaço na representação construída ressalta características como sendo próprio ao lúdico e ao brincar. Nele, cinco crianças fantasiadas de bate-bola correm por uma rua estreita de paralelepípedos. Elas não estão apenas fantasiadas, mas sim, parecem "encarnar" os personagens. A fantasia de bate-bola, muito comum nos subúrbios cariocas, remete à ideia de



continuidade de costumes, em uma tradição de mais de oitenta anos e que envolveria entre quatrocentas e setecentas turmas, as quais variariam entre cinco e mais de cem membros³. Entre o encantamento e o medo, é comuns meninos sonharem com o dia em que poderão sair no carnaval ao meio de turmas de bate-bola – e as crianças da imagem parecem fazer parte deste grupo. Ao relatar o registro, Bira conta sobre como encontrou seus “personagens”:

Essa cena eu saio no carnaval, aí eu fiquei pensando: "fotografo, não fotografo...". Aí eu saí, e eles estavam passando lá no miolo [entre as ruas mais afastadas das vias principais]. E eles cantando alto. E aparecem e somem. Primeiro eu sigo eles, mas eles somem. E depois, de repente, eles entram correndo por onde eu estava e, aí “pá”, eu faço a foto.

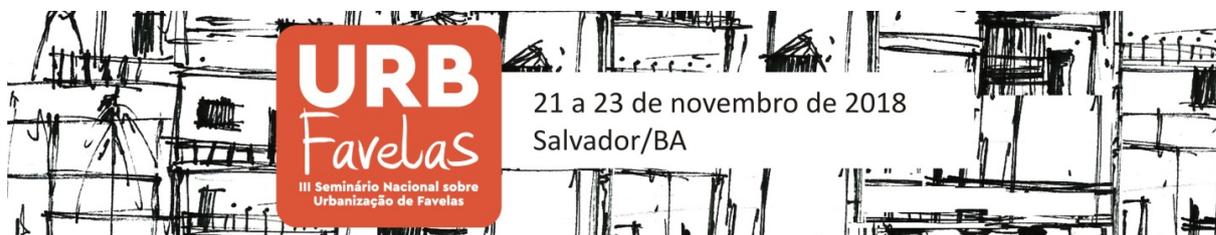
O percorrer das ruas transforma-se em uma brincadeira, em uma espécie de jogo, no qual o espaço é experienciado através do inusitado. Os caminhos são escolhidos naquele momento. Os encontros que terão pela espécie de “deriva”, são surpresas, assim como as reações que seus movimentos acarretarão. O menino da frente – o único com bola – parece liderar o grupo, ao menos naquele momento. A liberdade é expressa pelos pés descalços que correm sobre os paralelepípedos. A desobediência, característica comum à brincadeira, parece tornar-se possível através das máscaras que escondem os rostos e das roupas que anunciam que ali vêm os bate-bolas.

Importante pontuar que os três fotógrafos apontam a questão da mudança na relação entre crianças e a rua, menos comum hoje em dia – uma vez que os pais se mostram mais apreensivos sobre possíveis conflitos entre polícia e tráfico que, não raramente, ocorrem repentinamente e em horários de grande movimento. Por outro lado, porém, são ainda recorrentes os registros sobre vivências nas quais crianças percorrem o espaço, mostrando espontaneidade e apropriação livre entre as ruas da Nova Holanda.

Através de tendas para eventos, brincadeiras pelas ruas, banhos de mangueira, televisões ou de mesas de ping-pong, as representações dos fotógrafos mostram um espaço que parece construir uma forma possível para a cidade a partir “da vontade de cada um e de todos”, como defendiam os situacionistas⁴. Um espaço que seria apropriado – mesmo que temporariamente

³ Fonte: Jornal El País Brasil, 01/03/2017. Disponível online: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/27/politica/1488224740_612664.html

⁴ Na visão da IS, a cidade poderia ser formada apenas através dos usos cotidianos e vontades de seus habitantes, e não a partir de “postulados” ou categorias espaciais estabelecidas pela “elite acadêmica e técnica” – como diriam Mello et al. (1985). Como aponta Paola Jacques, “os situacionistas perceberam então que não seria possível propor uma forma de cidade pré-definida pois, segundo suas próprias ideias, esta forma dependia da vontade de cada um e de todos, e esta não poderia ser ditada por um planejador” (JACQUES, 2003, p.19).



– e constituído a partir de vivências de seus moradores. A rua é palco ativo de “novas formas de intervenção” e de “luta contra a monotonia”. O “quintal”, próprio de tantos moradores, mostra a riqueza de um espaço constituído pelo valor de uso, onde a experiência urbana não é vivenciada através da passividade e de uma mera “cenografia”.

Como apontam os fotógrafos, as relações construídas através do lazer no espaço comum irão moldá-lo, dar-lhe o caráter plural; irão possibilitar que vínculos sejam construídos e que ocorram trocas entre os moradores. Porém, não só o lazer e a confraternização representarão os usos do espaço, mas as ruas serão ainda o palco de muitas outras atividades, assim como será também compartilhada por pessoas distintas, como apontamos a seguir.

3.2 ESPAÇO COMPARTILHADO

Uma outra característica abordada sobre a Nova Holanda – e, podemos dizer, consequência da forma de apropriação descrita acima – é referente ao compartilhar do espaço entre diferentes grupos e diferentes usos: seja para trabalho, lazer, circulação, cultos religiosos ou outros fazeres. Este compartilhar falará não apenas sobre um espaço rico em diversidade, mas, conseqüentemente, sobre um local conformado por consensos e dissensos, pela negociação cotidiana do uso do espaço comum.

São diversos os autores que falam sobre a questão da diversidade e sobre ela ser inerente ao espaço urbano. Jane Jacobs, em seu livro seminal *Morte e Vida das Grandes Cidades*, defende que “a diversidade é natural às grandes cidades” (JACOBS, 2000, p.157) e seria revelada pela existência de um imenso número de elementos e a imensa diversidade desses elementos. Como apontam Mello et al (1985), tal diversidade, vista em determinados locais, irá resultar em diferentes padrões de composição do espaço, os quais irão se sobrepor. Neste contexto, as sobreposições que surgirão desta pluralidade, deverão encontrar negociações e acordos para sua coexistência.

A “prática de negociação” é apontada como parte da dinâmica espacial da Nova Holanda, sendo consequência da pluralidade de usos e funções destinadas aos espaços. Sobre este aspecto, consideremos a Figura 6, de Elisângela Leite.

Figura 6: Crianças em uma piscina de plástico



Fonte: Elisângela Leite, acervo pessoal da fotógrafa.

Na foto, o domínio do espaço é feito pelas crianças que brincam na piscina e se divertem com a ideia de serem registradas pela câmera. Suas expressões e gestos são representativos da alegria vivida naquele espaço que, através da instalação temporária da piscina, transforma a área em local de confraternização e lazer. A fotografia, além de mostrar a questão da apropriação do espaço pelas crianças e da reivindicação do local como área de lazer, fala também sobre as negociações construídas entre vizinhos. Apesar de as crianças e mulheres serem o tema principal da cena, Elisângela dá considerável importância ao contexto espacial através do enquadramento escolhido. O entorno do local onde a piscina está instalada é também exposto em sua composição. A piscina ocupa o centro da via. Ao fundo, a imagem nos revela o logradouro, com casas enfileiradas na típica tipologia construtiva da Nova Holanda.

Para além da ação dos personagens na piscina, as informações impressas na imagem nos revelam também um ambiente residencial, com circulação de veículos e no qual acontecem eventos culturais regulares. O uso da área comum aparenta ser plural. Ao ser perguntada sobre o compartilhamento do espaço e possíveis conflitos, Elisângela aborda questões sobre a dinâmica de uso do espaço. A fotógrafa menciona também os acordos cotidianos e o provável motivador das negociações estabelecidas, que aponta serem estruturados pelos laços entre vizinhos e a convivência existente entre eles. Como aponta a fotógrafa:



Aqui na Nova Holanda (...) ainda tem aquela coisa de você sentar na calçada, conversar com o vizinho. (...) Ninguém reclama de fecharem a rua, colocarem som, decorações. Acho que é a forma mesmo de estarem se conhecendo, (...) trocando laços. (...) E os acordos acontecem naturalmente.

Os valores apontados por Elisângela são semelhantes aos que Jacobs enfatiza sobre a importância do contato nas calçadas das cidades:

A confiança na rua forma-se com o tempo a partir de inúmeros pequenos contatos públicos nas calçadas (...). Grande parte desses encontros é absolutamente trivial, mas a soma de tudo não é nem um pouco trivial. A soma desses contatos públicos casuais no âmbito local (...) resulta na compreensão da identidade pública das pessoas, uma rede de respeito e confiança mútuos e um apoio eventual na dificuldade pessoal ou da vizinhança (JACOBS, 2000, p.60).

O tema de ruas transformadas pela intervenção de moradores é comum às imagens dos três fotógrafos. Para além das “novas finalidades” dadas ao espaço, apontam também para as negociações locais estabelecidas. Bira, por exemplo, ao falar sobre a Figura 1, aborda a questão das negociações e conflitos que se dão pelas “novas funções” dadas ao espaço:

A rua rompe com isso [da rua ser o local onde transitam os carros]. As pessoas estão no meio da rua. E se divide esse mesmo espaço. Se empoderam, os pedestres. Isso devia ser ensinado em todo o Rio de Janeiro. Tinha que ser ensinado. Aqui, para os motoqueiros atravessarem, dá, sim, um problema danado. Mas duvido que alguém pediu para ficar aqui.

Para além do fluxo de locomoção da rua, a imagem aponta também para o compartilhar entre as pessoas presentes no entorno da intervenção temporária. Ainda sobre a Figura 1, Bira diz:

Nem todo mundo gosta [de eventos na rua]. Uma mulher outro dia me falou: ‘Ah, esses caras chatos... não vou conseguir nem assistir a minha novela’. Mas vai fazer... E aí, vai tentar acabar cedo para não atrapalhar ninguém.

Como apontam Mello et al. (1985), “na medida em que os usos variam, põem em funcionamento o circuito de relações que constituem a vida pública nos espaços de uso comum. Estas, por sua vez, alimentam a rede de crédito e confiança” (MELLO, et al., 1985, p.130). E, desta forma, apesar dos dissensos e possíveis conflitos, as negociações sobre o uso do espaço vão se constituindo.

Rosilene Miliotti, ao abordar a questão sobre as disputas pelo espaço realizadas pelos seus múltiplos usos, complementa com um ponto interessante. A fotógrafa traz a discussão a partir da descrição da Figura 7, a qual registra um evento de skate realizado por moradores jovens:

Esse daqui é um pessoal do *long* [*long board*, categoria de skate]. Eles têm uma questão muito sobre o uso da rua, do espaço. As ruas da Maré são lugares de disputa o tempo inteiro. Você está ali entre carro, caminhão, moto, bicicleta, pessoas querendo andar... é todo mundo disputando aquele espaço, porque as calçadas não existem. E essa galera do *long*, a gente começou a perceber que tinha um movimento principalmente depois do exército [ocupação militar ocorrida meses antes da Copa do Mundo, em 2014, e que durou quatorze meses].



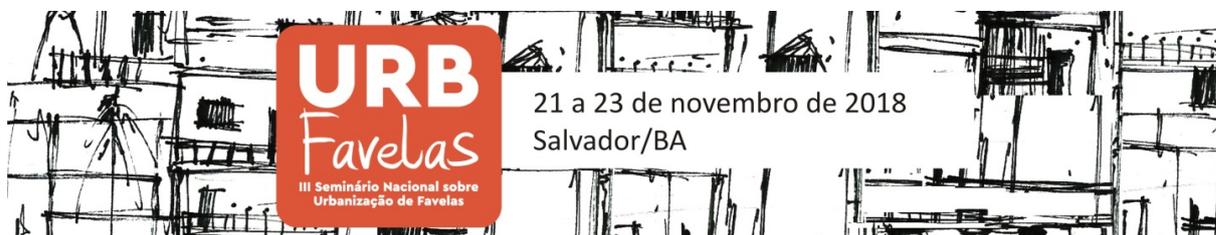
Figura 7: Evento de skate na rua da Nova Holanda



Fonte: Rosilene Miliotti, acervo pessoal da fotógrafa.

A presença dos skatistas na rua representou para a fotógrafa a reivindicação pelo espaço, feita pelo grupo. E, ao entendê-lo também como “seu”, os skatistas se organizaram para fortalecer o movimento local. Na imagem vemos um jovem que, ao saltar de uma rampa com o skate, “voa” em uma manobra. Ao redor, vê-se outros jovens, diversos deles ainda crianças, muitos com os seus próprios skates. Todos os presentes direcionam seu olhar para aquele que faz a manobra. O evento montado no centro da rua parece não só transformar o uso do espaço, mas também inspirar os meninos, construindo o desejo de também conseguir fazer o mesmo um dia.

Organizado pelos próprios skatistas e moradores, o evento, que possibilitaria trocas entre pessoas de perfis distintos e de diferentes regiões da cidade, parece trazer algo inusitado ao local, diverte e surpreende as crianças com uma nova possibilidade que se apresenta ali. Para Rosilene, porém, o principal tema de sua representação é a disputa que se estabelece pelo espaço da rua. Ao aprofundar-se na questão, a fotógrafa aponta haver uma grande diferença entre as funções destinadas à rua pelos moradores da Nova Holanda. Em sua visão, há uma considerável disputa nas vias de grande fluxo, tal como a Teixeira Ribeiro ou a Principal. Porém, não em ruas estreitas como a da Figura 6, de Elisângela Leite, ou de seu registro da Figura 2, por exemplo.



Sua fala sobre a questão, demonstra uma percepção natural sobre a função de espaços comuns como as vias onde se concentram as unidades residenciais.

Quando eu falo sobre a disputa, eu falo sobre esse espaço, dessas ruas que são largas e que as pessoas não conseguem circular pela quantidade de carro, moto. Esse é o lugar de disputa (...). Pelo menos é assim que eu percebo. *As ruas pequenas, eu não vejo como um lugar de disputa. São um lugar de encontro, talvez.*

3.3 ESPAÇO DINÂMICO

O encontro, importante salientar, seria uma das características cruciais ao espaço comum da cidade, segundo diferentes autores. A crítica de Lefebvre, ainda pertinente hoje, coloca que no pensamento da cidade moderna, esta essência da rua passaria a ser completamente suprimida. Ela perderia seu caráter de lugar do encontro, do movimento e da mistura, sua função simbólica, lúdica, do espaço que informa e surpreende. A rua se tornaria o espaço do fluxo dos automóveis e da mercadoria, servindo exclusivamente ao novo modelo de vida dominante na sociedade – o espetáculo (LEFEBVRE, 2004). Na fala e imagens dos fotógrafos, porém, tal cenário se mostra distinto. Segundo Bira, “a rua é muito isso: é encontro. Encontro de pessoas diversas, de grupos diversos, que têm muito em comum”.

Para o fotógrafo, a rua da Nova Holanda seria constantemente (re)composta por tal pluralidade de encontros e trocas que o espaço comum possibilita. Rosilene Miliotti também trata de tal questão ao falar sobre a Figura 8, mostrada a seguir.

Figura 8: Seu João Bolinha e as crianças.



Fonte: Rosilene Miliotti, acervo pessoal da fotógrafa.

Quando a gente vai andando, você anda e você vê gente armada, mas você vira uma esquina e tem criança jogando futebol, vira na outra, tem criança correndo atrás de



bolinha de sabão, sabe? (...) tem uma vida tão plural, tão diferente (...).

Seu João Bolinha (Figura 8), ao produzir sua intervenção lúdica no ar, transforma o espaço para crianças que o seguem pelas ruas do Complexo da Maré, assim como para diversos adultos que cresceram fazendo o mesmo. As pessoas distintas e os encontros plurais que acontecem no espaço fazem a Nova Holanda ser o que é. Segundo os fotógrafos, seria esta característica que transformaria os espaços comuns, dando-lhes vida e organicidade.

Para além de tais fatos, fatores econômicos são também apontados como influência direta na constante transformação da Nova Holanda, os quais interfeririam no espaço usado para o comércio e em estruturas físicas instaladas nas ruas. Sobre estas questões, Bira Carvalho aponta dois pontos: o primeiro, sobre os “turnos” do cotidiano, os quais seriam traçados principalmente pelos trabalhadores da Maré e mudariam consideravelmente a percepção do espaço; o segundo sobre as transformações no espaço construído e nas formas de ocupação realizadas nele.

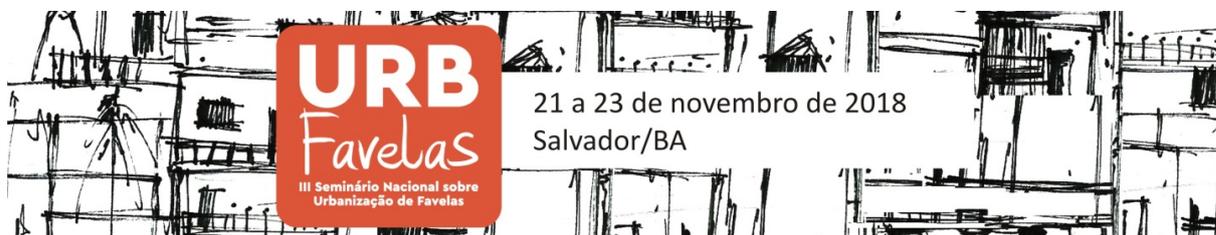
Na Figura 9, por exemplo, vemos ambas questões: Bira Carvalho registra os trabalhadores da favela (tema de destaque em seu trabalho) e a questão dos "turnos" da rua, mas capta também uma placa de chão com os dizeres "Corte à máquina - 8,00". Ao ser perguntado sobre o objeto, Bira menciona o recorrente uso de uma área da residência para iniciar um empreendimento. A unidade residencial, fato vastamente conhecido, muitas vezes se torna também local de trabalho ou ponto comercial.

Figura 9: O entardecer e os trabalhadores da rua



Fonte: Bira Carvalho, acervo pessoal do fotógrafo.

A utilização da casa como fonte de renda é uma realidade não apenas conhecida, mas necessária para a dinâmica e circulação de recursos financeiros locais. Jane Jacobs (2000), já na



década de sessenta, apontava para a importância da mistura de atividades em áreas urbanas. E na favela Nova Holanda, esta mistura se dá também através de intervenções em unidades residenciais. Os usos e intervenções feitos na Maré revelam como tal mistura é legítima do espaço e como se adequa à realidade vivida cotidianamente pelos moradores.

Enquanto o primeiro andar da unidade residencial ganha fins comerciais, é também comum às lajes ganharem diferentes usos, respondendo, assim, ao caráter dinâmico do espaço em um contexto contemporâneo. Além de funcionarem como novos quintais⁵, a estrutura construtiva permite que o local receba futuros cômodos para novos membros da família ou se torne fonte de renda alternativa através do aluguel do espaço, fato também vastamente conhecido.

A Figura 10, de Elisângela Leite, ao mostrar o horizonte da Nova Holanda em um fim de tarde, aborda alguns usos feitos nos espaços da laje. Ao falar sobre a imagem, a fotógrafa menciona como o "topo" da Nova Holanda também revela uma variedade de usos e uma intensa vida:

Figura 10: Lajes da Nova Holanda

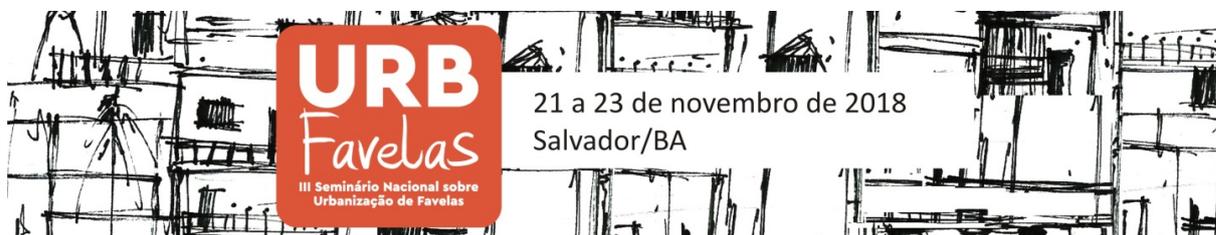


Fonte: Elisângela Leite, acervo pessoal da fotógrafa.

Essa foto tirei da minha janela. Queria mostrar um pouco dessa cultura de soltar pipa, da cultura da laje, do lazer que falta na favela. Que as pessoas usam mesmo. Tinha muita pipa passando e a lua aparecendo lá no cantinho. E aí mostrar na contraluz as lajes, com suas antenas de TV, outras com as caixas d'água... mostrar essa vida, né?

Para além de atividades diversas, Elisângela Leite dá ênfase na imagem ao tema do “empinar pipa”, um tipo de lazer muito comum à Nova Holanda e reproduzido entre gerações.

⁵ Ver colocações do fotógrafo AF Rodrigues:
https://www.flickr.com/photos/af_rodrigues/albums/7215760279006277



Com um objeto de papel e palitos de madeira, os jovens intervêm no espaço comum, enfeitando o céu através do desenho feito no ar. Os movimentos, possibilitados pelo vento e pelo puxar da linha, supõem uma possível interação tanto com quem também solta pipa em outras lajes, como para os que veem a dança do objeto. O lúdico e as trocas, mais uma vez, se mostram presentes no espaço, agindo sobre ele e o transformando. Desta forma, reafirmam-se novamente como características cruciais pretendidas para compor o espaço habitado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas realizadas nas ruas revelam a essência da Nova Holanda, um espaço recriado constantemente através do compartilhar entre os diversos usos e pessoas distintas. Como aponta Bira Carvalho,

Esse espaço de troca é muito dinâmico, muito valioso. (...) O conhecimento oral também é assim. É como o Iorubá, que se fala na Bahia. Uma língua que vem da África, que se usa no Candomblé. Como é que essa língua vai mudando, vai se projetando, se transformando... parte dela vai perdendo o sentido ou se transformando em outro sentido. E então a rua para mim é isso. E isso vem desses encontros que a rua permite.

Alinhado ao pensamento de Certeau (exposto no início do artigo), Bira aponta para a importância dos “atos cotidianos” dos moradores na produção contínua do espaço da Maré, sendo os encontros no espaço comum fundamentais para tanto: tal como o ato de falar cria a língua, a vida pulsante e as trocas nas ruas da Nova Holanda constroem a forma do espaço.

Se, como aponta Jacques (2003), a crítica situacionista ainda se mostra pertinente no contexto atual das cidades-mercadorias, podemos dizer que os moradores da Nova Holanda demonstram, de forma genuína e na prática, diferentes propostas pontuadas teoricamente pelo grupo da década de 1960. Para além da questão da não-passividade supracitada, a IS propunha ideias a favor da mistura e diversidade, contra a generalidade, a impessoalidade; defendia a volta à escala humana e à participação dos habitantes na construção do espaço. E tais elementos são vistos na Nova Holanda.

Seja através da piscina na esquina, da tenda na via, das bolinhas de sabão no ar ou da pipa no céu, as representações dos fotógrafos falam sobre um espaço construído pelas “pessoas reais da escala da rua”, mostram um local orgânico, com moradores que reivindicam um espaço de encontros, que garanta o direito ao lazer, à surpresa, à Festa. Um local onde as individualidades



são reivindicadas em um constante jogo de consensos e dissensos; um espaço que luta por uma cidade construída a partir dos desejos e necessidades inerentes ao ser humano.

REFERÊNCIAS

- Livro

CARLOS, Ana Fani. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva** (org.). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora Humanitas, 2004.

_____. **A produção do espaço**. Trad. Grupo as (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea" do núcleo de geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l'espace. 4 ed. Paris: Editions Anthropos, 2000), 2006a.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2006b.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2016.

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. **Quando a rua vira casa**. São Paulo. Projeto Arquitetos Associados, 1985.

- Capítulo de livro

BARBOSA, Jorge. Paisagens da natureza, lugares da sociedade. A construção imaginária do Rio de Janeiro como cidade maravilhosa. In: SILVA, Jailson de Souza. BARBOSA, Jorge. FAUSTINI, Marcus Vinicius. **O novo carioca**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012, p. 23-41

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno. Lições da rua: o que um racionalista pode aprender no catumbi. In: LIMA, Roberto Kant de; MELLO, Marco Antonio da Silva; FREIRE, Leticia de Luna (org.). **Pensando o Rio: políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar**. Rio de Janeiro: editora FAPERJ, p. 289-315, 2005.

- Artigos e/ou matéria de revista, botetim etc. (Periódicos)

JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. **Cadernos PPG-AU FAUFBA**, Salvador, n. especial, p. 23-30, 2004.